

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM NARRATIVAS FORMATIVAS(GEPENAF): NARRANDO HISTÓRIAS DE VIDA- MEMÓRIAS E FORMAÇÃO

Luciana Rodrigues de Souza

Viviany Gonçalves Lino Borges

Eliane Greice Davanço Nogueira (líder do Grupo)

Sandra Novais Sousa

GEPENAF

www.gepenaf.com

grupogepenufuems@outlook.com

Resumo: O presente artigo retrata o processo de constituição do grupo Gepenaf, inscrito no âmbito da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), idealizado como uma iniciativa para reunir docentes, alunos de graduação, pós-graduação e outros profissionais da rede de ensino interessados em debater questões sobre a temática formação de professores por meio da abordagem teórica das narrativas formativas. O objetivo consiste em apresentar os contributos teóricos e metodológicos dos estudos e pesquisas desenvolvidas pelo grupo para o debate educacional, especialmente no que se refere à formação de professores para a educação básica. Como procedimentos metodológicos, descrevemos o itinerário percorrido pelos integrantes do grupo, a fim de revelar sua ação no tempo e no espaço, concomitantemente com a análise dos processos e eventos ocorridos ao longo de sua implantação e consolidação, bem como a produção de saberes materializada nas pesquisas apresentadas nesse artigo. As atividades promovidas pelo Gepenaf formam um conjunto de experiências compartilhadas, um reexistir de professores que desfrutam da oportunidade de reflexão sobre o seu fazer docente à luz dos teóricos que abordam as narrativas formativas como método, bem como do diálogo coletivo proporcionado pelos encontros para o debate sobre os problemas oriundos do cotidiano escolar. Assim, apresentamos o grupo por meio das memórias e histórias vidas de alguns integrantes que, por meio das discussões pautadas nesta temática, tiveram experiências e vivências transformadas pelos processos de autoformação proporcionado pelas narrativas formativas.

Palavras-chave: Gepenaf. Narrativas formativas. Grupos de Pesquisa. Formação docente.

Introdução

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas – Gepenaf, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande/MS, foi criado e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq em 2010, com o objetivo de produzir conhecimento e pesquisa sobre teoria e prática na formação docente, utilizando narrativas formativas, como: biografias, autobiografias, memoriais e histórias de vida.

O grupo conta com pesquisadores de quatro grandes universidades, a saber: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Seus componentes vem apresentando trabalhos em eventos regionais, nacionais e internacionais, como o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), reuniões nacionais e regionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Endipe), Congresso de Leitura do Brasil (Cole), Seminário Fala Outra Escola, Congresso Nacional de Educação (Educere), entre outros. Também, tem produzido artigos, livros, capítulos de livros e dissertações, bem como prestado assessoria em nível local e estadual.

Nesse artigo, para compor a síntese dos principais resultados do grupo e delinear o processo de Desenvolvimento Profissional Docente dos seus integrantes utilizaremos narrativas de cinco professores, participantes do grupo, que narram como a participação no grupo de estudo se consolidou como uma alternativa catalisadora, indutora do seu processo de Desenvolvimento Profissional Docente (DPD). O termo DPD, de acordo com Fiorentini e Crecci, tem sido utilizado em substituição ao termo formação, para designar o movimento de transformação dos sujeitos em suas trajetórias, o qual não cessa com a formação inicial e não se resume às ações de formação continuada institucionalmente constituídas e veiculadas pelas secretaria de educação. Está relacionado, portanto, aos investimentos pessoais na aprendizagem da profissão docente, constituindo-se em um movimento que parte do sujeito e não em uma ação externa a ele.

As narrativas formativas, nesse sentido, são reveladoras dos processos de DPD por trazerem em sua forma e conteúdo as reflexões dos sujeitos sobre sua própria aprendizagem e formação. Nesse artigo, para apresentar o Gepenaf, tratamos tanto de sua história institucional quanto das histórias de vida que tem influenciado, bem como das concepções inerentes ao método que emprega em suas pesquisas.

1 Ementa, histórico e dinâmica e produções do Gepenaf

O Gepenaf foi criado em 2010, na cidade de Campo Grande/MS, e há sete anos proporciona um espaço aberto de discussão, estudos e pesquisas sobre educação, com enfoque na temática formação de professores e narrativas formativas.

As atividades de estudo acontecem na Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). São realizados dois encontros por mês: um, denominado "Gepenaf aberto", destinado a todos os interessados em discutir referenciais teóricos e pesquisas sobre formação docente e narrativas formativas, desde professores da educação básica e do ensino superior a alunos da graduação e pós-graduação; e outro, chamado de "Gepenaf fechado", em que são reunidos os orientados e ex-orientandos dos professores pesquisadores, com o intuito de discutir os referenciais teóricos que serão depois estudados nas reuniões abertas, programar as partições em encontros científicos, debater pesquisas em andamento, tanto as em processo inicial, como os projetos recém-de integrantes do grupo selecionados para ingresso no Programa de Mestrado Profissional da UEMS ou em programas de outras universidades, relatórios de qualificação ou de defesa.

Enquanto o "Gepenaf aberto" possui um caráter rotativo, pois a cada reunião podem surgir novos interessados, muitos a convite de professores que participaram e sentiram que ali havia espaço para o diálogo sobre as questões que os desafiam no cotidiano da profissão, o "Gepenaf fechado" é constituído pelos integrantes que estão cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, composto por (Cf. Quadro 1):

Tabela 1. Integrantes cadastrados no CNPq

| Doutores | Doutorandos | Mestres | Mestrandos | Especialistas | Graduados |
|-----------------|--------------------|----------------|-------------------|----------------------|------------------|
| 06 | 01 | 12 | 05 | 03 | 10 |

Fonte: dados de pesquisa.

Organização: as autoras.

O grupo utiliza como metodologia de pesquisa as narrativas, baseado em linhas teóricas e epistemológicas que consideram que o narrar sobre a história de vida e os processos formativos proporciona aos sujeitos pesquisados e ao pesquisador um movimento de reflexão que potencializam a autoformação docente. De fato, segundo Passeggi (2013, p. 6), "Um dos princípios fundadores das narrativas como prática formação é sua dimensão autopoiética. A pessoa, ao narrar sua própria história, busca dar sentido às suas experiências, e esse trajeto constrói outra representação de si: se reinventa. (Tradução das autoras do original, em espanhol)

Ao se reinventar, o professor pode pensar em inovações em sua prática docente, em novas formas de aprender e ensinar, ressignificando os fazeres que muitas vezes são rotinizados no espaço escolar sem que sejam problematizados. Como "contadores de histórias e também personagens não só das histórias dos demais, mas das suas próprias histórias"

(ARAGÃO, 2004, p. 01), os sujeitos em formação percebem que suas histórias de vida estão entremeadas no contexto histórico e social. Dessa forma, utilizar as narrativas como metodologia de pesquisa não significa desconsiderar o movimento da história ou mesmo as implicações do meio social.

A narrativa, ou seja, o ato de narrar, é "[...] inerente ao ser humano, isto é, [...] uma estrutura fundamental da experiência humana vivida" (ARAGÃO, 2004, p. 02), em que as experiências expostas possibilitam uma inflexão interna, adquirindo novos significados. Ainda, ao compartilhar essas reflexões, o olhar e dizer do outro confere novas percepções, suscitando novas reflexões.

Para Teixeira (2010 p. 124), "A pesquisa com narrativas caminha em direção a um mergulho interno, ampliando o processo de autoconhecimento de todos e de cada um que com ela se envolve". Ou seja, o processo reflexivo transpõe àquele que narra, o envolvido, e alcança outros sujeitos.

As narrativas têm permitido aos professores um trabalho de reflexão sobre o percurso de sua vida pessoal e profissional, trazendo à tona a realidade vivida, tanto na prática pedagógica quanto no processo de formação. É um importante recurso para autoformação por ser uma concepção epistemológica centrada no sujeito como ator e não como objeto passivo de investigação. Dessa forma, como pontua Aragão (2004, p.03) "[...] A narrativa está situada em uma matriz de investigação qualitativa, uma vez que se funda na experiência vivida e nas qualidades da vida escolar e da educação".

As pesquisas desenvolvidas por integrantes, alguns artigos têm como coautores participantes de outros grupos de pesquisa ou professores de outras universidades que não participam, necessariamente do Gepenaf, e que têm em comum a utilização das narrativas e temáticas ligadas às duas linhas centrais do grupo, a saber: Formação Docente e Narrativas Formativas, que objetiva produzir conhecimento científico por meio da pesquisa formação, privilegiando a escrita narrativa, biográfica, autobiográfica e memorialística; Alfabetização, Letramento e Formação de Professores, que investiga as correntes de alfabetização e letramento, bem empreende estudos sobre a leitura e escrita na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

As Tabelas 2 e 3 trazem, respectivamente, a quantidade de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), desenvolvidos junto ao curso de licenciatura em Pedagogia, e de dissertações dos Programas de Pós-Graduação Mestrado em Educação, de Paranaíba e Mestrado Profissional em Educação, da unidade de Campo Grande, todos defendidos por integrantes do

grupo, todos sob orientação da Profa. Dra. Eliane Greice Davanço Nogueira, líder do grupo e organizados de acordo com a temática e metodologia empregada na produção de dados.

Tabela 2. Temáticas dos TCCs de integrantes do grupo - Licenciatura em Pedagogia

| | |
|------------------------------|----|
| Pibid/professores iniciantes | 5 |
| Alfabetização | 2 |
| Educação infantil | 3 |
| Formação inicial | 1 |
| Total | 11 |

Fonte: UEMS (2017). Disponível em: : <http://www.uems.br/biblioteca/acervo>

Organização: as autoras.

Tabela 3. Temáticas das dissertações de integrantes do grupo - Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional

| Temas | Subtemas | |
|--------------------------------------|----------------------------------------|----|
| Alfabetização | Provinha Brasil | 1 |
| | Pnaic e Alfa e Beto | 1 |
| | Professores iniciantes | 1 |
| | Formação inicial | 1 |
| | Pibid | 1 |
| | Pnaic e coordenação pedagógica | 1 |
| Formação Inicial | Pedagogia | 1 |
| | Ensino de ciências séries iniciais | 1 |
| | Professores do curso de Direito | 1 |
| Formação continuada | Escola de Tempo Integral | 1 |
| Desenvolvimento Profissional Docente | Cefam | 1 |
| | Projeto Eu tô voltando para casa | 1 |
| Altas Habilidades/Superdotação | Autoformação para o ensino de ciências | 1 |
| Educação infantil | Narrativas de crianças | 1 |
| Total | | 14 |

Todos esses trabalhos têm em comum, ainda que tratem dos mais variados temas, a utilização de recursos metodológicos ligados ao método biográfico, como narrativas escritas, memoriais, entrevistas narrativas, ateliês biográficos, diários de bordo, entre outros. Além dessas ferramentas metodológicas, são utilizadas também outras fontes de produção de dados, como: questionários com questões abertas e fechadas, survey, relatórios, documentos administrativos, e outros.

Dentre as produções derivadas desses trabalhos, destacamos:

Tabela 4. Produções de integrantes do grupo

| Principais produções | |
|-----------------------------|----|
| Livros | 4 |
| Capítulos de livros | 28 |
| Artigos em periódicos | 14 |

Em comum às produções também são encontrados os referenciais teóricos, pois, embora cada trabalho traga os autores que discutem a especificidade de seus temas, a linha epistemológica segue a mesma direção: a consideração da subjetividade, do sujeito como participante ativo de seus processos de formação, do conhecimento produzido como uma das várias possibilidades de olhar as questões de pesquisa, e não como a verdade final sobre o assunto. Nessa linha, autores como Elizeu Clementino de Souza, Cecília Galvão, António Nóvoa, Maria da Conceição Passeggi, Ecleide Cunico Furlanetto, Kenneth M. Zeichner, Thaís Quevedo Marcolino, Maria da Graça Nicolletti Mizukami, Rosália M. R. Aragão, Gaston Pineau, Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Soligo, Dina Maria Rosário dos Santos, Dario Fiorentini e Carlos Marcelo Garcia, Jorge Larossa e Walter Benjamim, para citar alguns, são representativos.

A partir dessa breve apresentação do Gepenaf, de sua trajetória e de algumas de suas produções, traremos no próximo tópico, para ser coerente com a abordagem de pesquisa que utilizamos, algumas narrativas de seus integrantes, que narram os aspectos significativos da participação no Gepenaf em suas histórias de vida e de formação.

2 Memórias de formação: com a palavra os sujeitos confessantes

Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmo que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir (LARROSA, 1994, p.54).

Cinco integrantes do Gepenaf foram convidados a narrar, como "sujeitos confessantes", no sentido apontado por Larossa (1994) na epígrafe que abre este tópico, sobre a representatividade do grupo para o seu desenvolvimento profissional docente, destacando os motivos que os levaram a adentrarem o grupo e as contribuições que o mesmo proporcionou. Alguns participantes escolheram os próprios pseudônimos com os quais gostariam que suas narrativas fossem identificadas; outros, preferiram que as autoras os escolhessem. Em ambos os casos, as escolhas foram justificadas: escolhidos pelos próprios pesquisados, temos a Figueira, que optou por esse nome por se considerar forte, independente de todas as intempéries que já tentaram curvá-la; Borboleta, escolhido pela integrante do grupo em referência à sua origem na zona rural e seu encantamento por estes insetos, que ficou mais enfático após uma experiência em uma aula de biologia sobre a metamorfose pela qual as borboletas passam, para ela análogas às transformações que os humanos também passam; Sol,

pseudônimo escolhido pelas autoras devido ao narrador, professor de educação física, estar em constante atividade e precisar ser “fonte de energia” aos que estão próximos; Ariel, nome de um anjo, foi escolhido pelas autoras pela personalidade plácida, conciliadora e acolhedora do integrante do Gepenaf; e Atena (deusa da sabedoria), escolhido pelas autoras devido à admiração da professora pela mitologia grega e pelo sucesso de sua trajetória acadêmica.

Quadro 1. Perfil dos sujeitos confessantes

| Sujeitos | Idade | Formação | Atuação na docência | Tempo de participação no GEPENAF |
|------------------|--------------|-----------------|----------------------------|-----------------------------------------|
| Figueira | 36 | Pedagogia | 15 anos | 1 ano |
| Borboleta | 25 | Pedagogia | 3 anos | 3 anos |
| Sol | 27 | Educação Física | 7 anos | 3 meses |
| Ariel | 40 | Filosofia | 17 anos | 4 anos |
| Atena | 42 | Pedagogia | 16 anos | 4 anos |

Fonte: dados de pesquisa (2017)

Organização: as autoras.

Para descrever a trajetória do Gepenaf do ponto de vista dos sujeitos que o compõem, bem como as motivações que os levam a participar do grupo, trazemos excertos das narrativas de professores, mestres, mestrandos, doutorandos, enfim, daqueles que testemunham como o grupo de estudo pode contribuir para o processo de desenvolvimento profissional docente. Os excertos serão apresentados com a fonte em itálico para diferenciá-los das demais citações. Compreendemos que esta é uma transgressão das normas mais rígidas da ABNT, que admitem essa formatação apenas para os termos em língua estrangeira. No entanto, à falta de uma norma para as especificidades da metodologia que utilizamos, optamos por transgredir alguns preceitos mais canônicos em nome de uma estética textual que desejávamos.

Um dos aspectos apontados nas narrativas foi o ambiente de diálogo e de articulação entre a academia e a escola básica que os encontros proporcionam. Ao discutir os textos propostos para o estudo em grupo, há o confessar de saberes e angústias, à procura não somente de alternativas ou respostas para os problemas vivenciados no dia a dia da escola, mas do estudo que pode contribuir para compreender melhor as questões educacionais e posicionar-se de forma ativa. Mais do que uma conversa informal, como a que ocorre nos intervalos entre uma aula e outra com os colegas, esses problemas, no grupo de pesquisa, tornam-se objetos de reflexões, pautadas em uma teoria educacional:

Podemos ver, quando chegam novos membros, principalmente os professores da educação básica, que a academia precisa conhecer a escola básica, ouvir os professores, debater os problemas reais do cotidiano escolar. Ali, colocamos em

prática o que tanto prezamos: oferecer escuta a quem, muitas vezes, não tem lugar para expor suas ideias, angústias e necessidades (Atena, 2017).

Posso relatar sobre o momento atual que estou vivendo, participar do grupo de estudo está me trazendo uma nova realidade, como se as pilhas de um controle remoto fossem trocadas e agora com mais energia você conseguisse abrir novos canais, descobrir outras culturas e retirar tudo de bom e principalmente o que há de ruim, para que no caso de uma ação, não venha a cometê-la e se cometer, possa então encontrar a solução com maior facilidade (Sol, 2017).

Atualmente faço parte do grupo de estudos e pesquisa em Narrativas formativas e participo de um curso a distância para professores alfabetizadores com a metodologia de troca de experiência através de cartas narrativas, em ambos os professores descrevem suas vivências e dificuldades no contexto escolar. O contato com autores de textos sobre as narrativas autobiográficas, formação de professores e a constante troca de experiências no grupo tem me permitido uma ampla reflexão e uma maior apropriação da realidade vivida, tanto na minha prática pedagógica quanto no meu processo formativo. (Figueira, 2017)

Nessa mesma perspectiva, Fiorentini (2013) designa os grupos de estudos como comunidades investigativas locais, nas quais são formadas parcerias entre o ambiente acadêmico e a escola básica, para que as investigações e reflexões embasem a prática pedagógica e os professores tenham oportunidade de investirem em seu desenvolvimento profissional. Para o autor,

[...] a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional resultam de empreendimentos coletivos que podem envolver parceria entre universidade e escola, ao invés de iniciativas individuais, seja por parte do professor da escola ou do formador da universidade em uma perspectiva que muitas vezes consiste em tentativas de colonizar a prática escolar e seus professores [...] os grupos de estudos que congregam acadêmicos e professores da escola básica desenvolvem reflexões e investigações sobre a própria prática pedagógica. Esses grupos podem ser considerados como comunidades investigativas locais. (FIORENTINI, 2013, p. 17).

Assim, os grupos de estudos permitem abertura para que os professores dividam seus êxitos, fracassos, dúvidas e sugestões. Ao fomentar discussões entre colegas da educação básica, professores universitários e estudantes da graduação e pós-graduação, mediante a leitura dos teóricos, são lançados novos olhares para as questões em sala, buscando quebrar o paradigma da naturalização das práticas, em busca da reflexão sobre a ação e sobre o próprio processo formativo.

Posso relatar sobre o momento atual que estou vivendo, participar do grupo de estudo está me trazendo uma nova realidade, como se as pilhas de um controle remoto fossem trocadas e agora com mais energia você conseguisse abrir novos canais, descobrir outras culturas e retirar tudo de bom e principalmente o que há de

ruim, para que no caso de uma ação, não venha a cometê-la e se cometer, possa então encontrar a solução com maior facilidade (Sol, 2017)

O professor, ao participar de um grupo de estudo, é convidado a falar de si, a se reconhecer no outro, a compreender sua prática, a imergir na reflexão, a explorar suas dimensões sociais e pessoais, a compor ideias, práticas, crenças, modos de pensar e estar no mundo. No entanto, outras motivações podem ser percebidas nas narrativas, entre elas, o desejo de participar do grupo visando facilitar o ingresso na pós-graduação.

Particpei do processo para aluno especial do Mestrado em Educação para a 1ª turma [...] na ocasião da disciplina Formação de Professores Alfabetizadores a prof.ª Eliane convidou-me a participar do Gepenaf [...] Comecei a participar e o encantamento com as narrativas e histórias de vida ganharam fundamentação teórica e uma defesa de vida. Ainda no ano de 2013, visando o aprimoramento do meu objeto de pesquisa para a seleção do Mestrado, fui convidado a participar de um projeto de pesquisa interinstitucional “Eu tô voltando pra casa: narrativas sobre a formação e desenvolvimento profissional de alunos egressos do curso de Pedagogia, iniciantes na docência”. Minha participação nesse projeto sobre os professores iniciantes egressos da Pedagogia foi de fundamental importância para o delineamento de minha pesquisa para aluno regular do Mestrado em Educação. No final de 2013, voltei a participar do processo seletivo para o Mestrado em Educação, sendo aprovado para a 2ª turma de mestrandos da UEMS [...] Minha participação no Gepenaf e no Eu tô voltando prá casa, foi e tem sido essencial na constituição das concepções de educação e de formação de professores que têm me guiado, tanto na minha carreira acadêmica quanto na minha vida profissional (Ariel, 2017)

Comecei então a frequentar um grupo de estudos em outra universidade pública, lá não me sentia à vontade, não era aquela, a minha universidade. Retornei então para a UEMS e fui prontamente acolhida pelo Gepenaf. Devido a líder no grupo ter sido minha orientadora na graduação, me senti voltando para a casa. Conforme as discussões e reflexões iam sendo suscitadas, a vontade de realizar o mestrado foi crescendo. O fato de estar entre mestres, doutorandos, fomentava meu anseio. Após três anos de participação no grupo, passei pelo processo seletivo e fui selecionada. Hoje estou no mestrado e sei que o grupo de estudos foi o fio condutor para essa realização de adentrar esta estrada. Pertencer há um grupo de estudos e pesquisas, desencadeia aspirações de leituras e escrita, sendo estas, de fundamental importância para todo o percurso de um pesquisador. (Borboleta, 2017)

Assim, o grupo de estudo apresenta potencialidades tanto para promover o desenvolvimento profissional como para preparar o professor para o ingresso na pós-graduação, pois oferece um ambiente propício para o estudo teórico articulado às situações reais da sala de aula. Pode contribuir para formar uma rede de aprendizagem, em que o investimento na pesquisa sobre a prática seja constante. O interesse específico pelo método utilizado no grupo em suas pesquisas também é ressaltado nas narrativas, como exemplifica Figueira:

Sou fruto desse método (narrativas formativas) e posso afirmar que é um método pontual e se constituiu em um potente instrumento para autogestão de processos de

formação continuada, uma forma de pensar a nova escola, o novo professor. (Figueira, 2017).

A escolha do grupo de estudo que se pretende frequentar e participar está, portanto, relacionado à identificação dos sujeitos com o método e a teoria que entendem que seja mais próxima de suas questões de pesquisa ou de suas concepções sobre escola, aluno, formação e aprendizagem. Porém, não apenas os que tem como meta o ingresso na pós-graduação frequentam o grupo. O interesse pode ser o investimento no desenvolvimento profissional, por continuar tendo contato, mesmo após a graduação, com a academia e o conhecimento teórico, a fim de não se sentir desamparado em seus primeiros anos de exercício como docente:

Quando ainda na graduação, ouvia minhas colegas de sala falando maravilhas do grupo de estudos, do qual participavam – Gepenaf/UEMS - diziam que eram mais momentos de discussões de textos, eram momentos de verdadeiras reflexões. Quando terminei a graduação, senti necessidade de continuar no meio acadêmico, não sentia que era o momento de adentrar o mestrado, pois queria ter ao menos três anos de sala de aula, para que, estando no mestrado, pudesse ter propriedade do lugar, do qual falaria, mas precisava estar dentro da universidade, lendo e escrevendo constantemente. (Borboleta, 2017).

Os grupos de estudos contribuem para amenizar o sentimento de solidão que os professores, iniciantes ou experientes, podem vivenciar em sua prática pedagógica. Promovem a autonomia docente, no sentido de sentir-se munido de conhecimentos que permitam que se arisquem coletivamente, rompam com as formas de ensinar consolidadas na escola.

Por fim, para os professores que já se encontram na pós-graduação, o exercício de estudo em grupo mostrou-se fundamental para uma apropriação das práticas de leitura e escrita, para o refinamento teórico em discussão com a atividade de pesquisa. Como narra a professora Atena, egressa do mestrado profissional da UEMS e, no momento, doutoranda da UFMS, que continua a participar do grupo de estudos mesmo estando em outro programa:

No grupo, há uma constante renovação teórica, pois não somente nos reunimos para estudar nosso referencial, mas também para discutir as pesquisas que estão sendo desenvolvidas. Cada projeto é apresentado no grupo fechado, debatido, amadurecido, reformulado quando necessário. Colocamos a teoria na prática da pesquisa, buscando juntos os melhores caminhos para produzir dados, renovar as fontes de investigação e ampliar o alcance dos resultados. Antes de cada qualificação ou defesa, o processo se repete. O pesquisador apresenta o que já produziu, e o grupo faz o papel de banca, pergunta, contesta, faz o autor olhar seu objeto de outros ângulos. Isso traz crescimento teórico para todos (Atena, 2017)

Dessa forma, fomenta-se a prática da pesquisa, investe-se na produção de conhecimento científico, para que as dissertações, teses, artigos, enfim, as produções do

grupo, tenham consistência e validade teórica. A utilização de um método que não se constitui em consenso na academia reforça a necessidade de empreender uma pesquisa bem fundamentada teórica e metodologicamente, o que pode contribuir para consolidar a utilização das narrativas formativas como metodologia de pesquisa e de formação de professores.

Considerações finais

Os grupos de pesquisa são espaços de discussão e renovação teórica, especialmente quando não ficam restritos aos orientandos de graduação e de pós-graduação dos professores universitários líderes, mas abrem as portas para o professor da educação básica, fortalecendo o vínculo entre escola e academia.

O formato utilizado pelo Gepenaf, em que há encontros "fechados" para os orientandos e ex-orientandos e "aberto" para a participação da comunidade, tem se mostrado bastante produtivo no que se refere às especificidades atribuídas aos grupos de estudo: criar um *lócus* de aprendizagem e discussão teórica, que amplie os estudos efetuados nas aulas, seja da graduação ou pós-graduação, em que a carga horária cada vez mais reduzida não permite um estudo mais denso e alongado; e acolher os professores iniciantes ou experientes que desejam investir em seu desenvolvimento profissional docente, discutir os problemas e soluções para os desafios que encontram no cotidiano escolar de forma ativa, não reprodutivista, como comumente é feito em reuniões de formação, oficinas ou outras ações de formação continuada promovidas pelas secretarias de educação.

Acreditamos, no entanto, que as escolas podem constituir seus próprios grupos de estudo, formando, como defende Fiorentini (2013), redes de estudo e de aprendizagem em seu próprio *lócus* de trabalho, junto aos seus pares. Porém, à falta dessa opção nas escolas, os grupos instituídos em universidades, ligados a linhas de pesquisa, podem ser uma boa alternativa para os docentes em processo de desenvolvimento profissional.

Enfim, os grupos de pesquisa e estudos formam uma rede de educadores empenhados em produzir investigação educativa e, particularmente no grupo Gepenaf, professores que se tornam atores educativos, narradores de vida que concebem novas formas de pensar e atuar na vida e na profissão.

Referências

ARAGÃO, Rosália M. R. de. Compreendendo a investigação narrativa de ações escolares de ensino e de aprendizagem no âmbito da formação de professores. Reunião Anual da Anped, 27, Caxambu, 2004. **Anais...**, Caxambu, 2004.

FIORENTINI, Dario. Desenvolvimento Profissional Docente: um termo guarda-chuva ou um novo sentido à formação? **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 05, n. 08, p. 11-23, jan./jun. 2013.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa Experiência y Reflexividad Autobiográfica: Por una Epistemología del Sur em Educación. In: Simpósio Internacional de Narrativas em Educación: Historias de vida, infancias y memoria, 2, Medellín. **Anais...**, Medellín, 2013. v. 1. p. 1-15.

TEIXEIRA, Leny Rodrigues. M. As narrativas de professores sobre a escola e a mediação de um Grupo de Pesquisa-Formação. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 121-135, ago./dez. 2010.